

Número da fita: 0112

Título: Conferência Antônio Carlos

Mídia: Mini DV

| Time Code | | Vídeo | Áudio | Tema | Comentário imperdível (interno ao material) | Sugestão (conexões externas) |
|-----------|-------|---|---|------|--|------------------------------------|
| in | out | | | | | |
| 00:00 | 01:08 | Imagem de Hebe Mattos, Martha Abreu e Antônio Carlos, no campus da UFF. | Hebe Mattos, Martha Abreu e Antônio Carlos conversam sobre os principais temas a serem comentados no depoimento. | | | |
| 01:09 | 04:03 | Imagem de Antônio Carlos, plano americano. | Antônio Carlos fala de Nova Iguaçu. A partir da segunda guerra mundial a população aumenta consideravelmente, vinda do Norte Fluminense, da Zona da Mata Mineira e do Vale do Paraíba. Na década de 1960 existia cerca de 60 folias de reis em Nova Iguaçu, na grande maioria, negras. As folias brancas chegam nesse período, mas em menor quantidade. | FR | | |

| | | | | | | |
|-------|-------|-------|--|-------|--|--|
| 04:04 | 08:25 | Idem. | <p>Nova Iguaçu no século XIX era uma área de decadência, por conta da queda da produção do açúcar e das doenças na região. Depois da erradicação das doenças, começam a chegar pessoas vindas da Zona da Mata Mineira, do Noroeste Fluminense, de maiorias negras, que se estabelecem próximo à estação de trem. Elas trazem a tradição da folia de reis. O calango também existia, porém estava mais na lembrança das terras de origem de algumas pessoas. Algumas famílias foram trabalhar na plantação de laranjas e outras, nas olarias.</p> | FR/CN | | |
|-------|-------|-------|--|-------|--|--|

| | | | | | | |
|-------|-------|---|--|----|--|--|
| 08:26 | 10:49 | Idem. | <p>Algumas pessoas recebiam folias de outros lugares e passavam a ser donos de folias. Já o mestre, era uma pessoa convidada para ser a liderança. Na região de Mesquita, a folia mais antiga era a de dona Mariana, vinda de Itaperuna. Dona Mariana era um caso à parte, porque a maioria das folias era comandada por homens. Encontrar uma “mulher-palhaço”, que seria uma “catirina”, é algo muito difícil. Na folia de dona Mariana e na folia de Duas Barras têm catirinas.</p> | FR | | |
| 10:50 | 12:04 | Imagem de Hebe Mattos, Martha Abreu e Antônio Carlos. | <p>Martha pergunta sobre a origem do termo “catirina”, mas Antônio não sabe dizer.</p> | FR | | |

| | | | | | | |
|-------|-------|--|---|----|--|--|
| 12:05 | 14:15 | Idem. | <p>Hebe pergunta sobre as relações de parentesco entre os membros das folias. Antônio explica que a folia de dona Mariana seria uma espécie de “matriz” e a de Caxias uma “filial”.</p> <p>Basicamente, a folia de dona Mariana é formada por parentes.</p> | FR | | |
| 14:16 | 15:53 | Imagem de Antônio Carlos, plano americano. | <p>Antônio fala que a maioria das folias lideradas por homem, quando o dono morre, elas acabam. No caso de dona Mariana, a liderança já está encaminhada para passar para sua filha, quando chegar o momento.</p> | FR | | |

| | | | | | | |
|-------|-------|-------|---|----|--|--|
| 15:54 | 20:20 | Idem. | Martha Abreu pergunta sobre a organização das folias e sobre os encontros entre elas. Antônio diz que a festa de arremate é o ponto de encontro. Os palhaços circulam entre as folias. Nos encontros, os contatos são feitos e as folias convidam as outras para suas festas de arremate. Esses encontros normalmente não são feitos em janeiro, porque nesse mês as folias cantam para São Sebastião, a partir do dia seis (até o dia vinte, quando começam as festas de arremate). Há uma espécie de disputa, pois cada folia quer se apresentar melhor que as outras, o que torna a festa de arremate uma forma de espetáculo. | FR | | |
|-------|-------|-------|---|----|--|--|

| | | | | | | |
|-------|-------|-------|---|----|--|--|
| 20:21 | 21:04 | Idem. | Hebe pergunta sobre o calendário das festas de arremate. Antônio diz que as festas correm o ano todo, até dezembro, quando as folias param para preparem os instrumentos para o dia 24. | FR | | |
| 21:05 | 23:26 | Idem. | Martha pergunta sobre os outros encontros, que não são de arremate. Antônio comenta que geralmente esses encontros têm a participação das prefeituras. Fala também das dificuldades financeiras para organizar as festas de arremate. | FR | | |
| 23:27 | 24:57 | Idem. | Martha pergunta sobre o contato de dona Mariana com a folia de Duas Barras. Antônio fala que a folia de Duas Barras conheceu dona Mariana num encontro em Campo Grande. A prefeitura se comprometeu a patrocinar uma festa, fornecendo as fardas (roupas). Muitas fardas não estavam adequadas com o tamanho dos foliões. | FR | | |

| | | | | | | |
|-------|-------|-------|---|----|--|--|
| 24:58 | 26:22 | Idem. | Em Duas Barras, dona Marli estava indignada pelo fato do rei negro, chamado de Brechó, estar atrás dos outros. A relação das folias negras com esse rei negro é muito forte, inclusive, dizem que ele foi o primeiro a chegar, mesmo tendo sido enganado pelos outros. | FR | | |
| 26:23 | 27:44 | Idem. | Antônio fala da mudança ao longo do tempo do som das folias, das formas de batuque. No passado, o toque era mais lento, enquanto hoje o toque das caixas é muito acelerado, próximo das escolas de samba. Em alguns palhaços mais novos se percebe até a influência do funk e do rap. | FR | | |
| 27:45 | 28:16 | Idem. | O palhaço exerce uma liderança grande, chegando em algumas folias, apesar de raro, ser mais importante que o mestre. | FR | | |

| | | | | | | |
|-------|-------|-------|---|-------|--|--|
| 28:17 | 34:10 | Idem. | <p>Em Duas Barras as folias estão relacionadas com as fazendas do início do século XX, com trabalhadores meeiros. As folias de Duas Barras permanecem com tradições próximas às antigas folias da Baixada. Na Baixada Fluminense a tradição de ir até as casas das pessoas foi acabando a partir da década de setenta. Isto, por conta da violência urbana, dos motivos religiosos – por não considerarem a folia um elemento cristão – e pela demonização da figura do palhaço. Alguns mestres mais antigos exercem práticas exorcistas, mas em folias tradicionalmente católicas essa função não existe. Algumas folias fazem a abertura em centros de umbanda.</p> | FR/FA | | |
|-------|-------|-------|---|-------|--|--|

| | | | | | | |
|-------|-------|-------|--|----|--|--|
| 34:11 | 38:55 | Idem. | Martha fala da autonomia das folias. Antônio faz um mapeamento das folias. As pessoas que vem da Zona da Mata Mineira se estabelecem em Caxias e em Belford Roxo. O pessoal que vem do vale do Paraíba se estabelece em Queimados, Japeri, vindo até Morradoiro, pela facilidade do trem. Muitas folias da Baixada vêm da região de Itaperuna. | FR | | |
| 38:56 | 41:04 | Idem. | Hebe pergunta sobre a federação e as autorizações, se ainda existem. Antônio diz que a federação ainda exige autorizações, mas as folias são bastante autônomas, hoje, a autorização é mais uma questão de compromisso, enquanto antes era de polícia (que perseguia as folias). Na Baixada algumas folias estão tentando se organizar contra a falta de apoio da federação. | FR | | |

| | | | | | | |
|-------|-------|---|--|----|--|--|
| 41:05 | 43:07 | Idem. | Hebe pergunta sobre o jongo na Baixada. Antônio diz que até a década de 1960 as pessoas falam sobre os batuques de jongo. Na Folia de Mesquita tinha jongueiros, ou caxambu, como é mais conhecido na Baixada. O jongo de Mesquita atual é formado por filhos de jongueiros antigos. | JO | | |
| 43:08 | 46:25 | Imagem de Hebe Mattos, Martha Abreu e Antônio Carlos. | Hebe conclui a entrevista. Martha comenta sobre o papel da federação e da polícia. | | | |

Legenda dos temas:

Jongo – JO

Calango – CA

Folia de Reis – FR

Memória do tráfico – MT

Memória da África – MA

Campesinato Negro – CN

Quilombo – QL

Memória da escravidão – ME

Fazendas – FA